

A NOSSA ESPERANÇA ESTÁ EM VOCÊS

30/4/81

— Presidente Samora Machel, falando a alunos da Escola Secundária "Francisco Manyanga"

O Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Marechal Samora Moisés Machel, proferiu importantes palavras no decorrer de um encontro que aconteceu ao princípio da tarde de ontem com alunos das 10.ª e 11.ª classes da Escola Secundária Francisco Manyanga.

Pela sua importância e forma profunda e incisiva como colocou a complexidade dos problemas que aquele estabelecimento de ensino enfrenta, publicamos em seguida parte da importante comunicação do dirigente máximo da Revolução moçambicana:

Eu não vim aqui para fazer palestra, nem comércio. Vim sim para conhecer os nossos avanços no domínio da Educação, no domínio da cultura, no domínio da ciência, no domínio da valorização das nossas conquistas. Por isso pedimos um pequeno encontro com os alunos da 10.ª e da 11.ª classes.

Sabemos que a composição desses alunos é uma composição bastante heterogênea.

Há uma grande disparidade nos conhecimentos científicos, conhecimentos literários e nos conhecimentos teóricos. Não há uma plataforma comum, um tronco comum, uma base comum. Esta é a maior dificuldade que nós temos.

Causas essenciais: uns fizeram a 9.ª classe no tempo colonial, interromperam os seus estudos e foram ocupar posições que permitiram a consolidação da independência. Significa a prioridade da principal. E estão aqui. Tiram feito o quinto ano dos liceus, estavam no sexto no sétimo. Mas quando o Partido fez o apelo eles não ficaram surdos à voz do povo, à maioria. Sacrificaram o benefício individual pela maioria. E estão aqui dentro.

Outro grupo, é composto por aqueles que tiveram acesso à escola depois da queda do colonial-fascismo. Há um antagonismo de sistema de educação. Aqueles que fizeram estudos no tempo colonial, os objetivos eram outros: estudar mais para explorar mais, estudar mais para ser mais individualista, mais egoísta, mais liberal, mais afastado do povo.

E chegou o nosso sistema, de servir o povo estudar para servir o povo. Os professores do tempo colonial não estavam preparados para dar o nosso programa: Um programa democrático elaborado a partir do sofrimento do povo da experiência do povo. Elaborado a partir dos resultados da vitória da nossa luta, da nossa resistência.

Então, recusaram a transformação. Recusaram a transformação porque eram incapazes e fugiram. Fugiram quando chegou o momento exato de utilizar a ciência em benefício da humanidade, a técnica ao serviço dos povos.

Fugiram, fugiram, fugiram à liberdade, fugiram à democracia, fugiram à independência. Fugiram à igualdade entre os homens. Fugiram ao amanhecer. Ao amanhecer o sol é vermelho. Nasce vermelho, o que significa com força. O sol nasce sempre vermelho. Com força. Põe-se também com força. Reparem as duas fases do sol: quando nasce e quando se põe, mais sol. Forte ao meio-dia, forte quando nasce e quando se põe.

Fugiram a este sol. Gostam do sol quando nasce cansado. Não tem vida esse sol e o nosso sol, então, é vermelho. Temos que acertar, é assim. Fugiram à luz do sol. Querem a luz da lua. E quando brilha é tua cheia fogem também. Querem somente as trevas. Uma noite escura sem estrelas.

A partir daí a Educação conhece uma nova etapa. Tivemos de partir do ponto zero, conscientes. Conscientes de que estamos a partir do zero. Então nasce este grupo que tem acesso agora à escola. Deixou de ser privilégio, a escola, mas sim um direito, obrigação, porque tem uma tarefa concreta — a missão exaltante, gloriosa, sagrada, que é de matar a ignorância, o analfabetismo, a miséria e a pobreza.

A Educação tem tarefa concreta. É pelo progresso, é pela felicidade, é pelo bem-estar. Por isso, não podemos brincar na escola.

Nós fizemos um sistema sólido nas escolas secundárias do FRELIMO, um sistema sólido. Mas a revolução não produz quadros como uma padaria, não é verdade? Amassar pão não é fácil e sair de lá é o pão.

Estamos aqui cerca de 500. Alguns têm cabeça marginal, aqui dentro, correcto? Somos iguais, aqui. Uns são contra-revolucionários, aqui dentro. Há aqui dentro alguns contra o nosso sistema, o nosso sistema político, o nosso sistema económico. Estão aqui dentro reacçãoários. Bem, mas a revolução é benevolente, é generosa. Não só liberta a terra e os homens como liberta a própria revolução: generosidade da revolução.

Começar donde? Os que dominavam a língua portuguesa fugiram, todos os que dominavam as regras da gramática portuguesa fugi-

ram. Não prepararam moçambicanos. Não há moçambicanos professores no ensino primário — onde está o segredo — no ensino secundário e na Universidade.

Este é o segundo grupo de alunos que está na 10.ª classe agora. Começou a estudar depois da independência. O português é a língua, o veículo de transmissão dos nossos pensamentos, das nossas ideias. Veículo também que transporta solidariedade entre os povos mas, veículo também que serve de instrumento para o combate. Nós utilizamos a língua portuguesa para derrubar o colonialismo português. Este instrumento é muito forte. Mas há insuficiências.

As causas das insuficiências: não há professor de biologia, mas também naquela altura não havia. Nunca houve biólogos, químicos. Mas há muitos que estudaram no tempo colonial e estão aqui. Se eu os levo para o laboratório não vão fazer nada de biologia, não vão fazer nada de química. Mas são romados vigens. Bom, eu não quero insultar ninguém. Não quero faltar ao respeito a ninguém.

Fizemos uma brochura há pouco tempo. Eles sabem, os objetivos para que eram formados, ouviram? Os objetivos para que eram formados. Por isso não podem dar bem a biologia, dar bem a química. Não podem desenvolver a biologia, a química, a matemática, sem o desenvolvimento industrial. Portugal é um dos países mais atrasados da Europa.

Segundo esforço, é que eles trabalham para garantir a vida, o salário. Têm de preparar em terceiro lugar as lições, têm de preparar, organizar o trabalho. Vejam isto. Mas surpreendentemente são eles que arranjam notas. E aqueles, cuja tarefa principal é estudar, tiram dois, três, quatro, cinco, seis e oito valores. Quando apanha nove ou dez e

tríplice esforço, quádruplo mesmo. Um há dez anos que deixou de estudar. Outro, há 15 anos que deixou de estudar, correcto? Um adulto já está com os filhos aqui dentro, alguns com netos. Saem todos, vão para a escola. Porque na escola, a educação deixou de ser um privilégio. Ai está a essência.

O pai, o filho, o neto, vão juntos à escola porque a escola deixou de ser um privilégio, passou a ser um direito. E esses, primeiro a adaptação no meio de crianças. Estão a ver, já esqueceu a gramática e a criança gosta de rir. Não é capaz de compreender que este é o Homem Novo, é o homem que vence o complexo, a chamada vergonha: fazer da vergonha honra de não ir à escola, para esconder a ignorância, continuar a guardar a ignorância para que não saibam que não é instruído. Portanto fica em casa, diz que é honra. A sua honra é a vergonha, fazer da vergonha honra, fazer da vergonha um valor. Por isso admiramos estes companheiros, pais, mães que vêm aqui, pessoas adultas. É o primeiro esforço.

Segundo esforço, é que eles trabalham para garantir a vida, o salário. Têm de preparar em terceiro lugar as lições, têm de preparar, organizar o trabalho. Vejam isto. Mas surpreendentemente são eles que arranjam notas. E aqueles, cuja tarefa principal é estudar, tiram dois, três, quatro, cinco, seis e oito valores. Quando apanha nove ou dez e

a Universidade nove e dez valores vai aguentar!

Oçam bem isto, fazer deste homem engenheiro para calcular o peso... estão a ver isto? Este prédio onde nós estamos, todo o cálculo que está aqui, matemáticos, físicos-químicos, arquitetos, economistas, todos eles estiveram aqui. Projectistas para projectar este edifício — essas cabeças vão aguentar! Se tivéssemos construído este edifício que suporta dois mil alunos diariamente, num terreno pantanoso, o que seria? Ainda estaria aqui. Numa cabeça pantanosa, cabeça que é igual a um terreno pantanoso, não vamos investir. Não é preciso fazer infra-estrutura ali. Vocês sabem o que são infra-estruturas, não é verdade? Ai não vamos fazer infra-estruturas. Mas perguntamos: ao nível da capacidade deste homem, o que é que se deve fazer, a este mediocre? Não vamos expulsar. Vamos arranjar tarefa compatível com a sua capacidade.

Portanto, são estas três categorias que estão aqui e vêm de várias províncias, de várias escolas: missionárias, colégios, antigos liceus e os actuais alunos da independência.

Podem imaginar a dificuldade do professor, porque não vêm da mesma escola. Os conhecimentos não são iguais. Qual é o ponto de partida para poder dar aulas? É bom compreender também os problemas do professor. Qual é o ponto de partida para

Portanto na 10.ª também já sabemos qual é a vocação. Se é um aluno que na Matemática arranja 11, 12, quer ser engenheiro, quer ser médico, podemos deixar ir? Quer ser químico, quer ser economista, mas é um aluno de 10, 11 e 12 no máximo, podemos deixar ir? Acham que sim?

Mas há outras coisas aqui que podemos deixar ir, não acham? Um aluno que arranja 10, 11, o máximo 12, quer ser professor de português, quer seguir línguas, podemos deixar ir? A máxima nota que ele tem é doze. É um aluno de 12 mas quer fazer letras, podemos deixar ir? Digam com toda a franqueza, professores, podemos deixar ir?

Vocês estão a ver estas coisas, não é verdade? Um aluno que tem sempre 15 em Português, 14 ou 17 em Português, tem 11, 12 em Matemática mas não quer seguir letras, quer seguir ciências, é bom? Vamos deixar? Um aluno que tem 18 valores a Matemática, 17, 15, é mínima nota para ele, 15 mas quer seguir letras, podemos deixar? Mas para ser bom matemático é preciso dominar a língua, para ter uma alta nota em Geografia é preciso dominar o Português, para ter boa nota a História, escreve em quê, em que língua? E todo o seu raciocínio matemático raciocina em quê? Em Português. Esses, num futuro próximo, serão considerados gênios. Temos uma escola até 1990 só para esta gente de 18, 16, 15 e 14 no mínimo em Matemática, Português, em várias disciplinas — um aluno de 14 para cima. Com estes alunos o Estado vai investir. Ai vai investir porque no ano 2000 queremos que alguns moçambicanos vão para a Lua também.

E por isso, companheiros, mandámo-los vir

lecto para andar a desenhar e vender projectos, para ter «Money». Engenheiro não, porque não tem biscatos. Sabem o que é biscato, não sabem? Os adultos sabem, os mecânicos que estão aqui, os bate-chapas que estão aqui, sabem isso. Querem ser mais o quê? Mas fundamentalmente médicos, economistas, farmacêuticos (que é para ter farmácia e andar a vender medicamentos; arquitetos que é para vender os projectos) e mais o quê? São estes.

Estamos a falar da 10.ª e da 11.ª classes. A nossa esperança agora está em vocês. Imaginem todo o País com a 10.ª e 11.ª classes, quantos são? Nós vamos para Cuba e 10.ª e 11.ª têm 800 alunos. Cuba, que triunfou em 1959, de que maneira? Brilhantes estudantes, estão aí, 800 000. Na Tanzania vamos encontrar hoje de 80 a 100 mil. Já é muito. Vai fazer 20 anos este ano, 20 anos de Independência. É um dos raros países de África que deram prioridade à Educação.

Universidade Eduardo Mondlane: quando proclamámos a Independência havia só 4500 alunos. De todo o Moçambique. Na Romênia encontramos quatro a cinco milhões de alunos. Universitários, 800 mil; secundários, dois milhões e tal. Porque? Formaram professores. O segredo está no professor. Podemos construir muitas escolas mas depois, sem professores, quem fica lá? É o carneiro? Podemos construir escolas; as escolas não são as paredes, são o professor e o aluno. Essa é a escola. Escola pode ser em qualquer sítio: Fora, debaixo de uma árvore, é escola.

Ok, é bom, é muito bom começar desde já (estou a falar para os adultos) a liquidar um pouco o egoísmo. Liquidar um pouco o egoísmo, ser útil ali onde é capaz. Se é brilhante em História vai fazer História, precisamos que alguém escreva a nossa História. Precisamos, chegou a época de os africanos também fazerem a sua História, eles próprios e em particular os moçambicanos fazerem a sua História, não ser escrita e feita pelos outros. Vocês fazerem a nossa História, vocês fazerem a nossa Geografia, produzirem os nossos compendios de Agronomia, com o objectivo de melhorar, diversificar a dieta do nosso povo.

Mas é a partir da 10.ª e 11.ª classes, o segredo está lá, na organização.

Visitei as instalações da Escola Secundária Francisco Manyanga. Mãe conservação. É dos complexos mais raros que vi aqui em Moçambique. A infra-estrutura que está aqui dentro, campos de basquete, campos de ténis, campos de tudo, estão aqui. Mas estão a deteriorar-se, e vocês estão aqui dentro. Andam aí nos clubes de fora. Aqui, podem praticar o desporto que quiserem e competir com qualquer clube, graças às condições que estão aqui. Mas estas cabeças nada, estes olhos não vêem nada. O que eu vi, vocês não vêem. A infra-estrutura que está aqui, há carpinteiros, há mecânicos, há tudo aqui dentro. É uma questão de vermos como organizar a nossa escola para honrar Francisco Manyanga, que é herói, brilhante Homem a quem nós respeitamos.

Não foi por acaso que demos o nome de Francisco Manyanga a esta escola. Era um homem altamente organizado e constantemente em transformação, ele próprio. Portanto, a nossa escola não pode conhecer a estagnação. Não é a escola que está estagnada, são as mentalidades, são as iniciativas que não existem. Entendem? Falta de gosto.

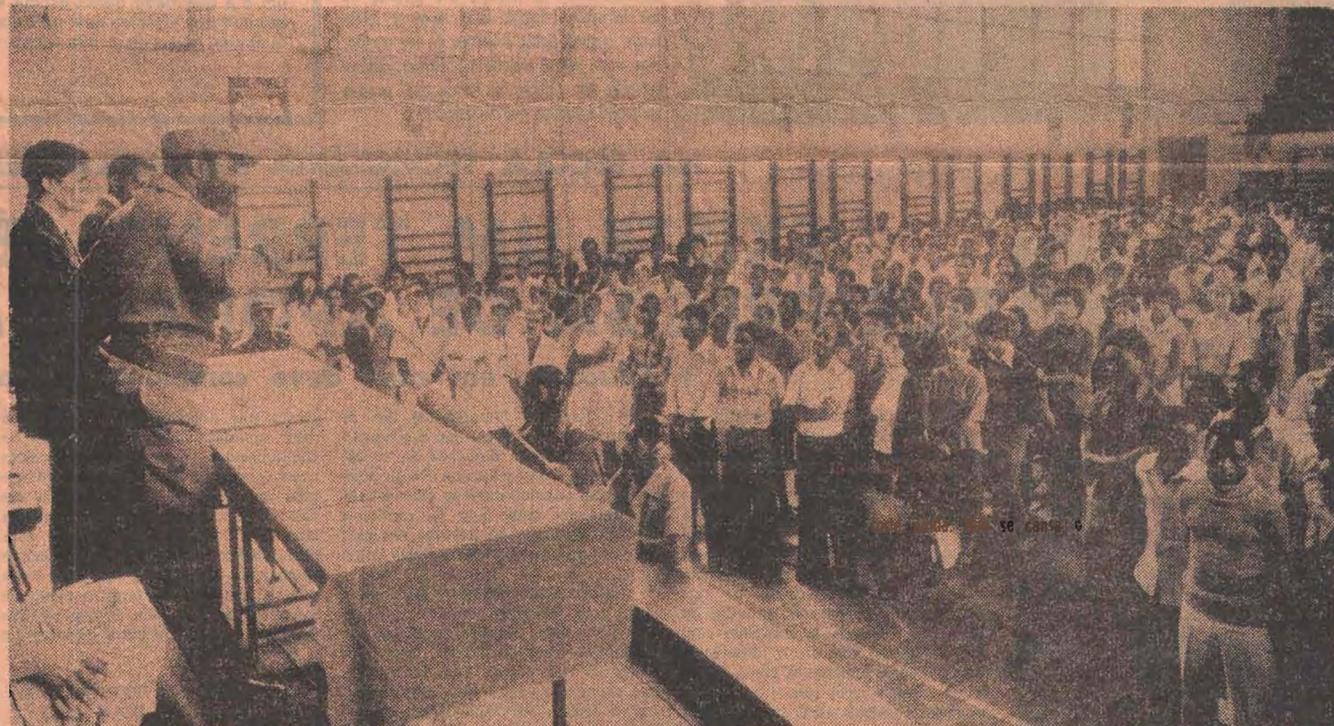
Porque é que é assim? É uma questão cultural, correcto?

Nenhuma escola aqui em Moçambique tem infra-estruturas como estas. Assim, durante as férias de Maio todos vão arranjar esta escola. Limpar esta escola, casas-de-banho, tudo, para estar arranjado. Põem ao vosso gosto, depois eu hei-de-vir em fins de Maio. Eu venho visitar a escola quando voltarem de férias, eu venho aqui.

Estão aqui professores de educação física. Aqui podem aparecer atletas, podem aparecer basquetebolistas, todos podem aparecer.

A escola não está boa. As mentalidades resultam da questão cultural. Não queremos que vocês sejam marginais. Queremos que sejam estudantes, que valorizem o vosso esforço, o esforço dos vossos pais, o esforço que o Estado faz e o sacrifício do povo e dos professores. Eles têm de preparar

(Continua na página seguinte)



Na imagem, um aspecto da reunião que o Presidente Samora Machel orientou com alunos das 10.ª e 11.ª classes da Escola Secundária «Francisco Manyanga»

na Grécia e Portugal. Quando a União Soviética, quando os Estados Unidos, já vão à lua em Portugal ainda se morre de cólica cardíaca.

Está lá o atraso. E nós fomos colonizados pelos atrasados. O que somos? Digam lá! Formados por subdesenvolvidos. Digam lá com toda a sinceridade, o que é que vocês esperam. Um mediocre ser professor. Um mediocre difunde o quê? Difunde mediocridade! Conheço alguns professores que tinham hábitos imorais. Difundiam isso nas escolas, professor para imoralidade... professor para difundir a droga que estamos a combater hoje. «Passa a passa» «Passa a passa». «Hippies» que estamos a combater hoje.

Portanto, esses alunos têm muitas dificuldades porque as escolas ficaram desorganizadas. Mas, também, se não nacionalizássemos as escolas, o que seria de nós? Onde iríamos formar o Homem Novo? Quando é que o povo iria para a escola? Quando é que o povo aprenderia que a escola é o centro para tomar o poder? Quando é que aprenderíamos a exercer o poder, a pensarmos com as nossas próprias cabeças?

Alguns pseudosistas, aqui, dizem «ah... naqueles tempos... andaram a estragar aqui boas coisas»... quais boas coisas? Dê-me lá então!

O terceiro grupo de alunos é o dos alunos-trabalhadores. Os trabalhadores têm um

feita em casa. Ontem estivemos na Escola Comercial e dissemos: companheiros, vamos a partir de agora classificar correctamente as capacidades de cada um. Alguns que têm capacidade para cinco valores, a sua capacidade é essa mesmo. Outros seis, sete, oito, não passa. Depois há outros cuja capacidade é arranjar oito, nove valores, o que acontece. Vêm outras categorias: dez, a nota máxima. Jozé. Oh!... Todo o mundo há-de saber que Juliano arranjou 12! Dispensou, são 20 valores quando tem doze...

De modo que ontem estivemos a dizer que 13 e 12 é suficiente, correcto? Agora 11 e 10 é mediocre. Nove e oito é mau. Sete, seis, cinco é péssimo. Entendem? Catorze para cima, esse é o homem que nós pretendemos.

Vocês ficaram surpreendidos quando dissemos que não vamos investir na cabeça dum marginal. Falámos ontem nessa escola. Nesses alunos de nove, oito, 10 e 11. Se nós investirmos e deixarmos este homem ir para a Universidade, significa, oçam bem significa para nós escolher um terreno pantanoso e querer construir lá um prédio de cem andares. Este terreno vai aguentar? Num terreno pantanoso, o que é que vai acontecer com o prédio? Vai cair porque o terreno não aguenta. Agora, uma cabeça que leva para

o professor dar aula em qualquer das disciplinas?

Mas quando eu pedi o encontro era para dizer... Estão aqui alunos da 10.ª e 11.ª classes. Sabem o que querem e como querem. Se querem ser alguma coisa na vida que se preparem. Se querem ter sempre vitórias, preparem-se. A vitória organiza-se. As brilhantes notas também. O professor fornece-nos as bases, os princípios, mas o esforço é nosso, o esforço intelectual, a vontade, a persistência, a perseverança e a vontade de aprender sempre. Porque um aluno que está na 10.ª já representa um grande investimento. Um aluno que está na 11.ª classe representa um grande investimento dos pais e do Estado.

Mas se este aluno for mediocre, desorganizado, preguiçoso mentalmente, não vai passar da 10.ª, não tem qualificações. Um aluno que reprove ou abandone a 10.ª não tem qualificações. Mesmo que passe de forma brilhante e abandone e não vai à 11.ª, não tem qualificação. A certidão que vai receber é da nona classe, correcto? Não tem 10.ª classe. Só quando completa a 11.ª classe, então tem isso a que no tempo colonial chamavam o terceiro ciclo: Tinha o primeiro ciclo, tinha o segundo ciclo, tinha o terceiro ciclo, que era o sétimo ano.

professores de muitas nacionalidades, e em particular dos países socialistas. Os países socialistas, com a excepção da União Soviética, todos eles nascem a partir da Segunda Guerra Mundial mas o desenvolvimento hoje desses países é um fenómeno, meus amigos, porque primeiro investiram na Educação. O segredo está na Educação. Está nos homens, na cabeça de cada um de vocês. É preciso resolver o problema da Educação primeiro.

Proclamámos a década da vitória, mas como será possível sem professores para matar a ignorância? Este é o ponto. Esta mediocridade que anda aqui, é porque não há professores e vocês não querem ser professores. Quer dizer, a vossa preocupação é o dinheiro. Não é transmitir os conhecimentos, desenvolver a sociedade, melhorar a vida do povo, dar a ciência ao povo, a ciência não ser privilégio. Dos 500 que estão aqui, se aqueles que são bons matemáticos, físicos e químicos, bons em Português, História, se todos aqueles que são brilhantes dissessem: «nós queremos ser professores», acabaríamos com o analfabetismo no nosso País o mais rapidamente possível. Ouviram? Mas vocês foram alienados pelo ensino colonial. É preciso ser doutor, médico. Para quê? «Money». É preciso ser economista, é preciso ser arqui-

ESCOLA SECUNDÁRIA "FRANCISCO MANYANGA" AINDA NÃO MERECE NOME DE HERÓI

«Visitámos a vossa escola para fazer a prospeção das nossas riquezas e valorizarmos as nossas conquistas». Estas foram palavras do dirigente máximo da revolução moçambicana quando falava para alunos da Escola Secundária Francisco Manyanga, visitada por duas vezes no dia de ontem. Com efeito, ao fim da manhã e durante grande parte da tarde o Presidente Samora Machel contactou com a realidade patente naquela escola, traçando importantes orientações na perspectiva de ela se transformar num verdadeiro centro de formação do Homem Novo e corresponder aos imensos sacrifícios consentidos pelo nosso povo.

A Escola Secundária Francisco Manyanga — Liceu António Enes, no tempo da dominação colonial — tinha características especí-

ficas para servir à exploração do nosso povo. Desde ter sido a escola de formação dos filhos de assimilados — na perspectiva de perpetuarem a dominação do homem pelo homem no nosso país, através do neocolonialismo, — até reduto de marginais de diversas espécies, aquela escola ainda não merece o nome que tem, o de um herói que é exemplo de engajamento total na resolução das questões necessárias à libertação do povo: Francisco Manyanga.

A escola conta com um total de 2 511 alunos no curso diurno e 92 professores. Desse total, 244 frequentam a 10.ª classe e 287 estão na 11.ª, que pela primeira vez ali funciona. Para estas duas classes, que assumem particular importância por se tratar de alunos

que estão a terminar o Curso Geral, conta com 21 professores.

Possuindo infra-estruturas excelentes, as melhores do nosso País, no decorrer da visita foi constatado que estão abandonadas, particularmente os seus vários campos de jogos. Neste contexto, o Presidente Samora Machel traçou orientações precisas que visam o engajamento de todos os seus estudantes para que durante as férias de Maio transformem aquela triste imagem.

«Os alunos da 10.ª classe não sabem limpar os vidros da sua sala de aula?» — questionou o nosso dirigente máximo quando no interior de uma sala verificou que os referidos vidros estavam cheios de pó. Esta situação, que reflecte o afastamento do estudante da vida na escola, foi frequente ao longo do

contacto estabelecido com os estudantes. Uma outra situação, que não só patenta a origem do descuido como também uma alienação cultural, foi o facto de alguns alunos se apresentarem vestidos com camises estranhas. Para além de serem totalmente alheias à nossa realidade e manifestarem desrespeito pelo centro que frequentam, reflectem a ausência do espírito de aluno consciente da sua tarefa ao serviço do Povo.

Um aspecto que mereceu particular atenção foi a complexidade de problemas do comportamento dos alunos, especialmente a sua apresentação. Assim, a apresentação dos estudantes foi tema dominante. Neste sentido, o dirigente máximo da nossa revolução afirmou, face a uma situação que mostrava a implicação dos problemas familiares e outros no comportamento dos alunos nas salas de aula, que os professores devem ter a iniciativa, nestes casos, de não esperar as reuniões normais com os encarregados de educação. É necessário que entrem em contacto imediato com os pais e que estes acompanhem os seus filhos nas aulas, disse.

Ao inteirar-se dos vários aspectos que estão na base da qualidade dos alunos, em termos de aproveitamento do direito a frequentarem aquele estabelecimento de ensino, o Chefe de Estado moçambicano constatou a existência de alunos que desprezam os sacrifícios que são consentidos. Verificou, por outro lado, a existência de alunos que não se esmeram no melhoramento das suas notas. É o caso dos alunos que fazem cálculos para manter médias positivas e depois descansam, isto foi mostrado, num dos muitos casos que o Presidente chamou alunos ao quadro para escreverem as notas que tiveram no ano anterior.

Foi também referido o caso dos alunos e alunas que, em vez de cumprirem a sua principal tarefa — que é estudar — se dedicam particularmente ao namoro, em prejuízo da sua formação integral. «Não há-de ir muito longe, menina. Serás o farrapo do teu marido, filho morto para a sociedade», afirmou, concretamente, em relação a alunas que pensam mais no casamento que no estudo.

Dispomos do necessário para formar o Homem Novo

Foi um dia longo. Desde manhã até à noite, o Presidente Samora Machel visitou as escolas secundárias da Maxaquene e Francisco Manyanga. Qualquer destas escolas tem muitas salas de aulas e muitas delas sentiram a presença do nosso dirigente máximo. Em todas praticamente não houve um jovem que não tivesse sido interrogado pelo Chefe de Estado. As perguntas saíram rápidas: «de onde és tu? Quem é o teu pai? O que faz a tua mãe? Quais as tuas notas? Com quem vives?».

As respostas nem sempre foram fáceis. Muitas não chegaram mesmo a ocultar problemas familiares graves. Quase todos estes casos correspondiam igualmente a um mau aproveitamento escolar. Ao falar com um aluno, o Presidente Samora Machel explicou: «Eu tive que te fazer estas perguntas para que tu compreendas qual o teu passado».

Durante o dia de ontem vimos muita coisa. As instalações das escolas que se encontram em mau estado: recintos desportivos votados ao abandono. Sujidade, desleixo. Na Escola Secundária da Maxaquene, há uma secção do muro principal, que há dois anos ameaça desabar sobre as crianças desprotegidas.

Serão estes os aspectos principais das insuficiências das nossas escolas? O Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique considerou ontem de manhã, ao falar com os alunos das décima e décima primeira classes da Francisco Manyanga, que não são. Ele considerou que a escola não são as estruturas físicas, por melhores que elas sejam. A escola é a pessoa, a mentalidade, a inteligência do homem.

Nas visitas de ontem foi isso que foi demonstrado. Foi demonstrado que numa mesma escola há alunos bons e há alunos maus. E que a sua formação não depende apenas dos professores que têm. Vimos turmas onde a média de aproveitamento escolar é fraca. Interrogados um por um, os alunos acabaram por revelar graves problemas familiares. Conforme disse o Presidente Samora Machel, «a escola não está desligada da educação de família».

Em contrapartida, vimos turmas onde o aproveitamento é óptimo. Tudo casos em que os pais se interessam e acompanham o desenvolvimento dos filhos. Uma turma da quinta classe da Escola Secundária da Maxaquene, por exemplo, é composta por 47 alunos todos com uma excelente formação escolar primária.

Nesta turma há 10 alunos que tiraram 20 valores na quarta classe, 15 alunos com 19 valores e 8 com 18 valores. A nota mais baixa desta quarta classe é de onze valores.

Estes alunos vieram, na sua maioria, das escolas primárias «16 de Junho» e «3 de Fevereiro», de Maputo, demonstrando que temos a capacidade de ensinar, de construir a mentalidade e desenvolver o conhecimento do Homem Novo.

O Presidente Samora Machel diria, nesta turma: «Parabéns aos vossos pais, que souberam acompanhar a vossa educação. Felicitamos esta turma. Procuraremos apoiar-vos e acompanhar os vossos resultados».

As visitas de ontem provaram que o problema da educação no nosso País, passa principalmente pela cabeça das pessoas. O combate às ideias venhidas é essencial. A escola está em cada um e a qualidade dessa escola será tanto melhor quando cada um assumir que vivemos num país libertado, numa Pátria onde o homem, qualquer que seja a sua idade, é completamente livre.

JORGE COSTA



Presidente Samora Machel dialogando com alunos da Escola Secundária da Maxaquene

NA ESCOLA SECUNDÁRIA DA MAXAQUENE

EXISTE UM TERRENO FÉRTIL QUE PRECISA DE APOIO PERMANENTE

★ Educação em casa deve complementar a educação na escola

Na visita à Escola Secundária da Maxaquene, o dirigente máximo da Revolução moçambicana, Presidente Samora Moisés Machel, constatou a existência de um elevado número de alunos a frequentar presentemente a quinta classe e que teve na escola primária um bom aproveitamento. Uma grande parte deles esteve a estudar na Escola Primária «16 de Junho» na capital do País e fez a quarta classe com a média de vinte valores. Depois de conversar com esses mesmos alunos, o Presidente Samora Machel apontou-os como exemplo de terreno fértil que é necessário desinfectar constantemente para que não seja contaminado pelos maus exemplos.

O importante não reside nas infra-estruturas escolares, tal como referiu o Presidente Samora Machel nestas visitas, mas sim na qualidade dos elementos que estão hoje a beneficiar da Educação. Foi por esse motivo que a preocupação fundamental foi observar o tipo de riqueza existente nas nossas escolas, isto é, o aproveitamento que os alunos estão a tirar da possibilidade que têm de frequentar uma escola.

Nas salas de aulas percorridas, quer da quinta quer da sexta classes, o Chefe de Estado falou com discentes repetentes e com os que frequentam a classe pela primeira vez.

Nestes diálogos com os alunos um aspecto que se tornou saliente foi o facto de uma grande parte dos repetentes não terem em casa um ambiente familiar agradável. Um dos alunos repetentes interrogado pelo Presidente Samora Machel vive neste momento apenas com a mãe porque o pai, antigo agricultor, abandonou o País logo após a proclamação da Independência, tendo a criança ficado a cargo da mãe, que também não se preocupa com a situação estudantil do filho. Foi por isso que, e de acordo com as declarações prestadas pelo referido aluno, hoje para além de estar a repetir o ano, ainda iniciou tarde as aulas do presente ano lectivo em virtude de não se ter preocupado com a sua matrícula na devida altura.

Ficou ali bem patente, à medida que se ia compreendendo não só o interesse de cada aluno pelos estudos mas tam-

bém o ambiente familiar em que se encontram mergulhados, que a educação na escola não está desligada da educação familiar, pois tal como foi ali referido quem se comporta bem em sua casa também sabe como agir na escola, e isso é o resultado do trabalho dos pais no cumprimento dos seus deveres como pais.

«Se não estudarem, vocês serão marginais e um marginal planifica para perturbar a ordem, planifica para provocar distúrbios, lançando boatos. São esses marginais que andam para aí a dizer que agora não vale a pena estudar porque o Estado vai nacionalizar-vos, esquecem-se de que todos nós nacionalizamo-nos logo que proclamamos a Independência» — estas foram igualmente as palavras do Presidente Samora Machel, ao longo das conversas tidas com os alunos.

Sublinhou ainda várias vezes que os

alunos que demonstrarem incapacidade para suportar um grande edifício de conhecimentos — ou seja, discentes cujas cabeças se assemelham a um terreno pantanoso, não poderão seguir um curso superior, mas ser-lhes-á atribuída uma tarefa compatível com os seus conhecimentos, pois não faria sentido mandar um aluno com média de onze para a Universidade fazer o curso de medicina, por exemplo, porque ele não dá garantias de vir a tratar devidamente a saúde do Povo.

CONCEPÇÃO DOS PROGRAMAS E ENSINO DA EDUCAÇÃO POLITICA

Foi possível compreender o elevado número de negativas existente no seio dos alunos na disciplina de Educação Política através da verificação dos programas que estão neste momento a ser

dados, bem como da apreciação dos métodos de ensino empregues pelos professores.

Numa turma da sexta classe estava a decorrer uma aula de Educação Política e o tema de estudo era bastante complexo. O Presidente Samora Machel observou na ocasião que aquele uso de matéria não era conveniente que se desse logo nos primeiros anos do ensino secundário, uma vez que os alunos não estavam à altura de compreender. Recolheu-se, pois, que o erro fundamental reside na má concepção dos programas.

Ainda numa outra turma, ao apreciar um caderno de Educação Política, o Presidente Samora Machel deparou com frases muito bonitas sobre a matéria daquela disciplina mas que para alunos da quinta classe deveria ser algo abstracto, pois não tinham capacidade de compreender o que escreveram nos seus cadernos.

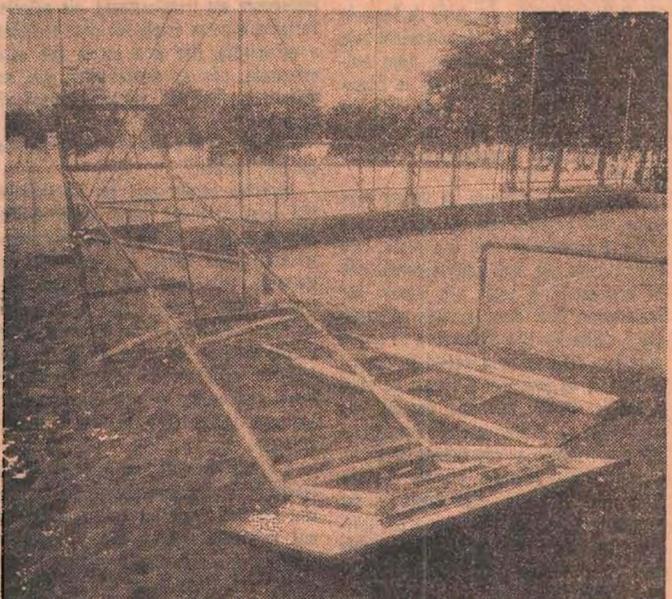
O tema era a Luta Armada e o aparecimento das zonas libertadas no nosso País durante a Luta de Libertação Nacional. O método de ensino do professor era incorrecto, pois levava os alunos a decorar pura e simplesmente os apontamentos sem que tivessem compreendido a matéria, que neste caso concreto se relacionava com o desenvolvimento da luta armada em Moçambique.

Na ocasião, o Presidente Samora Machel explicou de uma forma clara aquela matéria, através de um esquema que pessoalmente elaborou no quadro, sobre todo o processo que se iniciou com a luta política levada a cabo pelos moçambicanos para conseguir a Independência.

Numa visita ao recinto da escola verificou-se que havia um vasto campo que não está a ser aproveitado e a necessidade de se recuperarem as infra-estruturas desportivas e o edifício escolar que está velho. Outro dos problemas com que ali se deparou refere-se à falta de um corpo de direcção, o que é agravado pelo facto de o próprio director não poder estar na escola em tempo inteiro em virtude de estar a desenvolver outras tarefas.



Uma camiseta imprópria para frequentar a escola, que apresentava este aluno da Escola Secundária «Francisco Manyanga», foi apontada pelo Presidente Samora como um sintoma de alienação cultural



A imagem reflecte o desleixo e abandono a que estão votados os recintos de jogos da Escola Secundária da Maxaquene

A NOSSA ESPERANÇA ESTÁ EM VOCÊS

(Continuado da página anterior)

rar lições, tornar tudo o mais claro possível. Mas o professor é para nos dar as bases, os princípios. O resto é com cada um de nós e temos que aprender o método de trabalho colectivo que não aplicam. Temos que abandonar o método individual. Não podem brilhar assim. Não vão compatibilizar os vossos conhecimentos. O professor vai continuar a ter muitas dificuldades, porque vocês vêm de várias origens sociais, vêm de várias escolas com vários sistemas, com vários métodos. Portanto, quem se deve corrigir são os próprios alunos através do estudo colectivo. Os mais avançados ajudam os menos avançados, os menos avançados ajudam os atrasados. Foi assim que nós aprendemos na nossa luta. Ajudámo-nos mutuamente. Não podemos ser perfeitos em tudo. Foi assim que liquidámos

o egoísmo, porque o estudar sozinho é sempre para se ter nota sozinho. O que é que vais fazer no País sozinho? Quando o resto permanece ignorante, há um só génio, um só, o que é que vai fazer?

Obrigado, meus amigos. Em fins de Maio eu venho aqui. A direcção e os professores vão receber aqui uma equipa para estudar muito bem como recuperar o mais rapidamente possível e fazer funcionar isto tudo e toda a gente praticar desporto para evitar doenças, para poupar os medicamentos. Uns dormem com «Valium» sem necessidade, só porque não praticam desporto. Desporto é o melhor medicamento. É o melhor médico, é o melhor para a nossa saúde.

Obrigado, meus amigos, muito obrigado. A Luta Continua!»